

Loucura e resgate

Na noite de 26 de Abril de 1956, foi trazido à comunicação o Espírito de Raimundo Teixeira, que sofreu aflitiva prova na alienação mental.

Os apontamentos do visitante, que foram alinhados sob a legenda "loucura e resgate", valem igualmente, a nosso ver, por precioso estudo no tema "reencarnação e justiça".

Conduzido ao recinto por devotados Instrutores Espirituais, recomendam eles algo vos diga de minhas provas.

Entretanto, minhas dificuldades são quase insuperáveis para relacionar com a palavra os tremendos episódios de minha terrível experiência.

Sou uma alma pobre que ainda convalesce de aflitiva loucura no campo físico.

Não creio que o verbo articulado possa exprimir com segurança tudo aquilo que expresse meus estados emocionais.

Ainda assim, posso garantir-vos que tenho atravessado inimagináveis supícios.

Por mais de vinte anos, fui vítima de flagelações e tormentos que culminaram em transe de pavoroso desespero, não pelas dores de origem material que me dilaceravam o corpo, mas sim porque, na condição de alienado mental, guardava, no fundo de meu ser, a consciência de todos os meus atos, embora não pudesse governar meus infelizes impulsos.

Perambulei no mundo à maneira de alguém que se visse sob o guante invencível de Inteligências perversas, como pode acontecer a um homem irremediavelmente prisioneiro de malfeiteiros, em sua própria moradia.

Por mais orasse, por mais anelasse o bem e por mais quisesse comandar a própria existência, os terríveis carcereiros das minhas atividades mentais compeliam-me a atitudes deploráveis que, de início, me angariaram o desafeto dos familiares mais queridos ao coração.

Era constrangido a práticas ignominiosas, impelido a pronunciar palavras que me afastavam toda e qualquer simpatia e a perpetrar atos que provocavam, em torno de mim, repugnância e temor.

E, por essa razão, relegado à atmosfera deprimente dos loucos, nela padeci não apenas os mais dolorosos processos de tratamento médico, como sejam, a insulinoterapia, a malarioterapia e o electrochoque, mas também os bofetões de enfermeiros desapiedados e o poste de martírio, a camisa de força e a solidão.

Isso tudo sofri com a tácita aprovação de minha consciência, pois no íntimo me reconhecia culpado.

Colocava-me na situação de quantos me assistiam caridosamente e concluía que, na posição deles, infligiria a mim mesmo os mais duros castigos, de vez que os ocupantes de meu campo mental me impeliam à delinquência e ao desrespeito, ao insulto e à viciação.

Chorei tanto, que acredito haverem as lágrimas aniquilado os meus olhos encadeados a medonhas alucinações.

Amarguei tanto a vida que o sofrimento por fim me venceu diante das testemunhas implacáveis de minha dor — testemunhas que me acusavam sem que ninguém as ouvisse, que me espancavam sem que ninguém lhes presenciasse os assaltos, que

me acompanhavam dia e noite sem que ninguém lhes pressentisse a presença.

E tanto foi o meu infortúnio que, em me libertando do cárcere da prova, desarvorado e desilidido, pedi à Providência Divina, através de mil modos, que uma explicação me aliviasse o torturado raciocínio, porquanto, ainda mesmo fora do corpo carnal, a malta de perseguidores continuava assacando contra mim gritos soezes, tentando esravizar-me de novo a mente desditosa...

Foi, então, que, ao socorro de Instrutores Amigos, me vi em surpreendente retorno à condição em que me achava, antes da internação na carne para a terrível provação da loucura...

Identifiquei-me em pleno espaço, desolado e errante, cercado por centenas de verdugos que me buscavam o Espírito, impondo-me à visão tremendos quadros — quadros esses que, pouco a pouco, me reconduziram ao posto que eu deixara anteriormente, através da morte...

Sim, eu havia sido um juiz que abusara da dignidade do meu cargo.

Vi-me envergando a toga do magistrado, que me competia preservar impoluta, desfrutando invejável eminência social na Terra, mas enceguecido pelos interesses do grupo político a que me filiara, com desvairada paixão.

Torcia o direito para quase todos aqueles que me buscavam, tangidos pelas circunstâncias, conspurcando o tribunal que me respeitava, transformando-o em ominoso instrumento de crime e revolta, perversidade e miséria, desânimo e desespero, porque as minhas sentenças forjavam todos esses males.

Mas não consegui ludibriar a verdadeira justiça.

Deixando o veículo físico, as minhas vítimas se converteram em meus juízes e todas aquelas que me não podiam perdoar seguiram-me os passos na esfera espiritual, tecendo-me a cadeia de tor-

mentos inomináveis, a explodirem no pavoroso desequilíbrio com que ressurgi entre as criaturas humanas, na existência última.

Atravessei uma infância atormentada...

Para os médicos, eu não passava de pobre exemplar da esquizofrenia.

Alcancei a juventude tumultuária e triste dos que não possuem qualquer estabilidade de raciocínio para a fixação dos bons propósitos, e, tão logo atingi a maioridade, meus implacáveis acusadores senhorearam-me a estrada, conturbando-me a vida, e, desse modo, como alienado mental fui submetido ao julgamento de todos eles, experimentando, por mais de quatro lustros, flagelações e torturas que não posso desejar aos próprios Espíritos satanizados nas trevas.

Sou, assim, um doente desventurado procurando restaurar a si mesmo, depois de terrível inferno no coração.

Não acredito que a minha palavra possa trazer qualquer apontamento que induza ao consolo.

Entretanto, o juiz louco que fui, o juiz que impôs a si próprio horrível enfermidade da alma, pode oferecer alguma advertência aos que manobram com a autoridade no mundo e a todos os que ainda podem recuar nas deliberações infelizes!

Diante de mim vibra o Tempo, o grande julgador...

Possa a Divina Compaixão conceder-me com esse juiz silencioso, cujas palavras para nós são as horas e os dias do mundo terrestre, a oportunidade de ressarcir minhas faltas, porque, por enquanto, o juiz que dementou a si mesmo apenas ingressou na fase inicial do reajuste, da qual se transferirá para o campo expiatório, onde, face a face com as suas antigas vítimas, será obrigado a solver seus clamorosos débitos, ceitil por ceitil.

Deus seja louvado!...